9º Jornada Internacional de Enfermagem
8º Simpósio de Enfermagem Brasil-Alemanha
7º Seminário em Saúde Materno-infantil
ISSN: 2318-0234
Empreendedorismo social e tecnologias inclusivas em Enfermagem e Saúde Materno-infantil
06 a 08 de Maio de 2025
Universidade Franciscana | Santa Maria | RS | Brasil
https://doi.org/10.48195/jie2025.29069

Tipoia Indígena como Dispositivo de Promoção da Saúde Materno-Infantil e Cultura na Comunidade Kisêtjê

Maria Luisa Suárez Gutiérrez Cella; Welida Lemes Viana Viana; Marina Mezomo Soccal; Dirce Stein Backes; Claudia Zamberlan; Cristina Saling Kruel

RESUMO

Objetivo: Descrever as práticas de confecção e uso da tipoia na comunidade indígena Kisêdjê, analisando seu papel na promoção da saúde materno-infantil e na preservação de saberes culturais. **Métodos:** Pesquisa qualitativa de orientação etnográfica, realizada na Terra Indígena Wawi, em março de 2025. Foi utilizada a observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupos focais, com participação de gestantes, parteiras e profissionais indígenas de saúde. A análise seguiu codificação temática a partir dos registros em diário de campo. **Resultados:** A tipoia representa um sistema próprio de cuidado que integra aspectos físicos, emocionais, espirituais e sociopolíticos. Sua confecção e uso expressam uma pedagogia do corpo e da presença, fortalecendo vínculos, práticas de amamentação, inclusão social e resistência cultural e identitária do povo Kisêtjê. **Considerações Finais:** A tipoia configura-se como tecnologia social ancestral que favorece o bem-estar materno- infantil e a continuidade dos modos de vida Kisêdjê, exigindo reconhecimento nas políticas de saúde intercultural.

Descritores: Saúde Materna; Saúde da Criança; Povos Indígenas; Conhecimentos, Atitudes e Práticas em Saúde; Antropologia Cultural.
Descriptors: Maternal Health; Child Health; Indigenous Peoples; Health Knowledge, Attitudes, Practice; Anthropology, Cultural.
Descriptores: Salud Materna; Salud Infantil; Pueblos Indígenas; Conocimientos, Actitudes y Práctica en Salud; Antropología Cultural.

INTRODUÇÃO

As práticas de cuidado materno-infantil nas culturas indígenas são enraizadas em saberes coletivos e simbólicos, que não apenas garantem a sobrevivência das crianças, mas também perpetuam valores culturais e modos de existência comunitária. A tipoia, um artefato tradicional usado para manter o bebê junto ao corpo da mãe ou cuidador, configura-se como tecnologia social que articula cuidado, pertencimento e aprendizagem cotidiana[1].

A tipoia é confeccionada manualmente com fibras vegetais ou algodão, sendo usada para carregar bebês nas costas, no peito ou lateralmente. Essa prática permite à mãe realizar atividades cotidianas mantendo o bebê próximo ao seu corpo, favorecendo o contato pele a pele, a amamentação sob demanda e a autorregulação emocional da criança[2]. Estudos demonstram que bebês carregados junto ao corpo da mãe choram menos, mantêm maior estabilidade fisiológica e desenvolvem vínculos afetivos mais consistentes[3]. Além disso, o uso da tipoia incorpora a criança ao ritmo da aldeia, sem interromper o trabalho e o convívio social das mulheres, revelando uma economia de cuidado pautada na reciprocidade e na integração[4].

Em diversos povos indígenas, como os Tikuna, Guarani, Xavante, Krahô, Bororo e Kisêdjê, a tipoia é tecida manualmente com fibras vegetais, sendo utilizada para carregar bebês nas costas, no peito ou lateralmente, conforme a idade da criança e as tarefas da cuidadora. Essa prática possibilita o contato pele a pele, a amamentação frequente, a observação contínua da criança e a participação da mesma na vida coletiva desde os primeiros dias de vida [1–3]. Essas práticas expressam modos de vida em que o cuidado não é individualizado ou institucionalizado, mas compartilhado e integrado ao cotidiano da comunidade. A forma de trançar ou tecer a tipoia, assim como os materiais utilizados, variam conforme os recursos disponíveis e o sistema cosmológico de cada povo[4].

Compreender a tipoia como prática de saúde e cultura exige uma escuta sensível e um olhar que reconheça a complexidade das relações humanas. Nesse sentido, o pensamento de Edgar Morin contribui ao oferecer uma abordagem sistêmica e transdisciplinar para os fenômenos sociais. Para Morin, os eventos da vida não podem ser compreendidos isoladamente, pois pertencem a sistemas vivos, interligados e em constante retroalimentação[5]. A maternagem indígena – e, nela, o uso da tipoia – inserese nesse paradigma, no qual cuidado, território, corpo, história e cultura compõem um tecido inseparável de significados[6].

OBJETIVO

Descrever as práticas de confecção e uso da tipoia na comunidade indígena Kisêdjê, analisando seu papel na promoção da saúde materno-infantil e na preservação de saberes culturais.

MÉTODOS Aspectos éticos

A pesquisa atendeu aos princípios éticos que regem os estudos com seres humanos, conforme a Resolução Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012 e os protocolos específicos para populações indígenas. O projeto foi apresentado e aprovado pelas lideranças da aldeia Khikatxi e pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Xingu, respeitando os trâmites de consentimento coletivo. Todas as participantes forneceram consentimento livre e esclarecido de forma oral e gravada, considerando os protocolos culturalmente apropriados de abordagem e autorização em contexto indígena. O anonimato foi assegurado na transcrição dos dados, e as participantes foram informadas sobre os objetivos, métodos e possíveis usos da pesquisa.

Referencial teórico-metodológico

A pesquisa está fundamentada na antropologia interpretativa, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas. A abordagem etnográfica foi escolhida por sua capacidade de captar experiências vividas e sistemas de conhecimento não verbalizados, permitindo a imersão no universo simbólico do grupo[7–8].

A análise das práticas foi orientada também pelo referencial da complexidade, proposto por Edgar Morin, que reconhece os fenômenos culturais como sistemas vivos, atravessados por múltiplas dimensões e saberes. Ao adotar essa lente, busca-se compreender a tipóia não como objeto isolado, mas como expressão de uma ecologia do cuidado que integra corpo, cultura, tempo e território[5].

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de orientação etnográfica, ancorada na perspectiva interpretativa, que visa compreender significados, valores e práticas sociais a partir da imersão no contexto cultural estudado[9]. A etnografia, enquanto abordagem metodológica, permite ao pesquisador compreender os modos de vida e as lógicas

simbólicas de grupos específicos por meio da observação participante, do registro sistemático e da escuta atenta[7–8].

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada entre 10 e 14 de março de 2025, na aldeia Khikatxi, Território Indígena Wawi (MT), junto ao povo Kisêdjê. A equipe de pesquisa foi composta por seis profissionais da área da saúde — entre médicas, enfermeiras, psicólogas e nutricionistas — todas com formação prévia em saúde intercultural e experiência em pesquisa qualitativa. As atividades foram realizadas em parceria com profissionais indígenas de saúde da UBSI-Polo Wawi.

Fonte de dados

A seleção das participantes foi intencional e orientada por critérios de representatividade cultural e diversidade de experiências no ciclo gravídico-puerperal. Foram convidadas a participar gestantes, puérperas, parteiras tradicionais, conselheiras da comunidade e profissionais indígenas de saúde, além de usuárias que se encontravam na sala de espera da Unidade Básica de Saúde Indígena (UBSI). As participantes foram selecionadas com o apoio de interlocutores locais e com base na relevância de suas experiências para o tema estudado. O número final de participantes foi determinado pelo encerramento da vivência dos pesquisadores na aldeia.

Coleta e organização dos dados

Foram realizadas observação participante, entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Todas as interações foram registradas em diário de campo e, quando autorizado, gravadas em áudio. A observação foi realizada durante atendimentos de saúde, rituais de alimentação, oficinas comunitárias e espaços informais de convivência. Destaca-se a realização de um *moitará* – prática tradicional de troca de artefatos – no qual a tipoia foi objeto de trocas simbólicas e conversas espontâneas entre as mulheres. As entrevistas seguiram um roteiro aberto e adaptável, contemplando temas como o uso da tipoia, modos de cuidado, transmissão de saberes e percepção da maternidade. Os grupos focais reuniram até cinco participantes, com mediação cuidadosa e intercultural.

Análise dos dados

A análise foi orientada pela codificação temática e fundamentada na etnografia interpretativa. As categorias emergiram da triangulação entre falas das participantes,

registros de campo e observações contextuais. Foram identificados eixos interpretativos que expressam significados

atribuídos à tipoia como artefato simbólico, técnico e afetivo. A análise buscou respeitar a lógica interna da cultura Kisêdjê, valorizando os saberes não-hegemônicos e as práticas incorporadas ao cotidiano. A triangulação entre pesquisadoras de diferentes formações e a devolutiva parcial dos achados à comunidade contribuíram para a validação dos dados.

RESULTADOS

A etnografia realizada na aldeia Khikatxi, comunidade do povo Kisêdjê, revelou que o uso da tipoia transcende sua função prática de carregar o bebê. Ela se inscreve como um artefato simbólico, afetivo e político, que integra práticas de cuidado, maternidade, transmissão de saberes e resistência cultural. Os relatos abaixo foram registrados em diferentes momentos da vivência das pesquisadoras, em interações cotidianas com as mulheres indígenas e suas crianças.

A observação direta permitiu constatar a centralidade da tipoia na rotina materna, revelando seu papel na continuidade dos cuidados mesmo durante as atividades diárias mais exigentes:

> Durante os quatro dias de convivência com a comunidade Kisêdjê, foi possível acompanhar a circulação das mulheres pela aldeia com seus filhos presos firmemente ao pescoço, por pano de tecido resistente, duplamente reforçado e que oferece maior estabilidade do bebê, acesso ao peito materno e firmeza na lateral do corpo. As crianças — algumas já com três anos — mantinham-se serenas, observando o mundo a partir do corpo da mãe ou cuidadora, como se aquela fosse sua primeira escola. A pesquisadora as viu colhendo alimentos, participando de oficinas de saúde, caminhando até o rio, todas com os corpos marcados pela presença do outro pequeno corpo que carregavam. A tipoia, nesse contexto, não é apenas um suporte físico: é extensão da pele, prolongamento do vínculo, continente de afetos e pertencimento. [relato da pesquisadora M, dia 3]

Nos espaços públicos e coletivos da aldeia, a tipoia emerge também como elemento de legitimação da presença política das mulheres, articulando maternagem e participação social:

> Nas assembleias e reuniões comunitárias, a cena se repete: mulheres se levantam para falar, reivindicar, propor. E, quase sempre, o fazem com seus filhos na tipoia. A presença das crianças não é obstáculo à

palavra; pelo contrário, é extensão política do maternar indígena. Elas falam com a firmeza de quem carrega no corpo a continuidade de seu povo. Algumas crianças dormem durante a fala da mãe; outras amamentam e olham em volta, habituadas ao movimento coletivo. Eu observo e sinto a força dessas mulheres. Para a criança parece transmitir o cuidado pela presença e pelo contato. A criança aprende, desde cedo, que faz parte — e não à parte — da vida social e política de sua comunidade. [relato da pesquisadora M, dia 3]

A própria materialidade da tipoia — suas fibras, nós e trançados — carrega saberes ancestrais e práticas de cuidado intergeracionais, constituindo uma linguagem não verbal de transmissão cultural:

> O que estamos vendo e vivendo na aldeia Kisêdjê foi a experiência encarnada de uma cultura de cuidado. A tipoia, mais do que um artefato, mostrou-se como eixo de uma rede simbólica e afetiva que sustenta a saúde materno- infantil indígena. Em cada fibra, um gesto. Em cada nó, um ensinamento. Em cada criança carregada, a permanência de um modo de existir. [relato da pesquisadora M, dia 2]

A escuta sensível e as trocas entre mulheres revelaram dimensões subjetivas do uso da tipoia, como a escolha de fibras com propriedades medicinais e o espaço de liberdade que as mulheres experimentam ao compartilharem suas experiências:

> As mulheres falam pouco e quando falam, é baixo. Essa expressão muda somente quando estão na “praça das mulheres” somente entre mulheres. Nesse espaço elas riem, parecem se sentir seguras e são espontâneas. Eu ouvi que algumas fibras utilizadas na confecção da tipoia são retiradas de plantas com propriedades medicinais, escolhidas não só pela resistência, mas pela capacidade de transmitir calma, proteção e força. Achei interessante essa combinação entre simbologia, ciência e espiritualidade. Tudo parece ser assim aqui na aldeia. Os saberes caminham juntos. [relato da pesquisadora M, dia 3]

Durante os momentos de coleta, as participantes também explicitaram a importância da tipoia como prática de saúde e vínculo:

> A tipoia não somente representa uma técnica milenar de tecelagem passadas de mãe para filha, proporciona também vínculo, cuidado, segurança e bem- estar para a criança carregada e para quem usa. [relato de pesquisadora M, dia 2]

> Percebo que rituais de cuidado e curas tradicionais promovem os benefícios da tipoia para desempenhar um papel fundamental na promoção à saúde. Representa um sistema próprio de saúde que integra bem-estar físico, emocional e espiritual, contribuindo para a resistência cultural e identitária do povo Kisêtjê frente aos desafios contemporâneos. [relato de pesquisadora M, dia 4]

A análise empírica evidenciou que a tipoia Kisêdjê é simultaneamente prática de cuidado, dispositivo pedagógico, artefato de resistência e meio de transmissão de

conhecimento. Seu uso favorece o vínculo mãe-bebê, a amamentação, a autorregulação emocional da criança e a inserção
precoce na vida coletiva. As mulheres exercem a maternagem com autonomia e protagonismo, articulando o cuidado com a participação comunitária. A tipoia representa, assim, uma tecnologia de cuidado ancestral, entrelaçada a um sistema simbólico que sustenta a saúde materno-infantil e a identidade cultural do povo Kisêdjê.

DISCUSSÃO

A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas[10] propõe garantir aos povos indígenas o acesso à atenção integral à saúde, de acordo com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. A tipoia se revela como uma tecnologia de cuidado profundamente enraizada nas relações comunitárias e no saber feminino indígena. Sua confecção é coletiva, ensinada de mãe para filha, reforçando laços geracionais e o pertencimento ao grupo, assim como outros[11–12]. O uso cotidiano da tipoia expressa uma pedagogia do corpo e da presença: a criança aprende o mundo enquanto é carregada.

Em tempos de medicalização da maternidade, a persistência das práticas como o uso da tipoia revela uma resistência ao apagamento cultural e à imposição de modelos ocidentais de cuidado[13]. Santos, Zanello e Antloga[1] demonstram que as maternidades indígenas seguem ativas e conscientes de sua potência, mesmo diante de políticas que frequentemente desconsideram seus modos próprios de gestar, parir e maternar.

Para além de sua função prática, a tipoia tem um papel simbólico profundo. Carregar o bebê junto ao corpo estende a experiência uterina para o mundo externo, permitindo uma transição psíquica e sensorial mais fluida[6]. Além disso, a criança é desde o início incluída na vida coletiva: escuta as conversas, sente os movimentos, compartilha da rotina comunitária – constituindo-se como sujeito em relação[1].

Os bebês pequenos são carregados pelas mães, junto ao corpo, enquanto elas realizam seus trabalhos domésticos, conseguindo amamentar a livre demanda e podendo ser acalentados não somente por elas, e sim pelas pessoas que também usam este dispositivo como irmãos ou outros membros da comunidade. Quando as crianças completam três anos de idade, esta passa a ser praticamente excluída e até quase ignorada. Assim, ela entenderia que ninguém exerce domínio sobre os outros e desta maneira há uma mudança no tratamento da criança[14].

A partir do referencial da complexidade[5], pode-se compreender a tipoia como expressão de um sistema de cuidado interdependente, onde o corpo da mulher, o artefato, a criança, o tempo e o
território se entrelaçam. Esta visão amplia o entendimento das práticas culturais como formas de conhecimento vivo, e reforça a importância de políticas públicas que dialoguem com essa complexidade[15–16].

Limitações do estudo

A principal limitação do estudo refere-se ao tempo reduzido de imersão no campo, o que restringiu uma observação longitudinal das práticas e dinâmicas socioculturais ao longo do ciclo gravídico-puerperal completo. Embora a metodologia etnográfica tenha garantido profundidade na escuta e densidade nos registros, a curta permanência limitou a captação de variações sazonais e rituais específicos relacionados à maternidade indígena. Além disso, a presença de pesquisadoras externas, ainda que sensibilizadas culturalmente, pode ter influenciado a espontaneidade de algumas práticas indígenas. Futuras investigações com maior duração da inserção no campo, em diferentes fases da gestação e puerpério, poderão ampliar a compreensão dos sentidos atribuídos à tipoia e à maternagem indígena em contextos intergeracionais.

Contribuições para a área

Este estudo contribui para a valorização dos saberes tradicionais no cuidado materno-infantil indígena, oferecendo subsídios para práticas culturalmente sensíveis no campo da saúde coletiva, com especial relevância para a atuação da enfermagem. Ao revelar os sentidos simbólicos, afetivos e políticos atribuídos à tipoia, o estudo amplia a compreensão da maternagem como prática cultural, o que desafia modelos biomédicos hegemônicos e convoca os profissionais da saúde a uma escuta mais ética e plural.

No campo da enfermagem, os resultados sustentam a necessidade de formação intercultural e do reconhecimento da enfermagem indígena como prática autônoma e integrada ao território. Em termos interprofissionais, o estudo evidencia a importância de abordagens colaborativas entre medicina, enfermagem, psicologia, nutrição e agentes indígenas de saúde, promovendo um cuidado centrado na comunidade, respeitoso às

tradições e promotor de equidade. Tais achados podem subsidiar programas de educação permanente, protocolos clínicos e ações de atenção básica em territórios indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tipoia é mais do que um instrumento de transporte infantil: trata-se de um artefato cultural de profundo valor simbólico e terapêutico, enraizado em práticas coletivas de cuidado, pertencimento e transmissão intergeracional de saberes. Sua presença cotidiana na aldeia Kisêdjê expressa uma pedagogia do corpo, da presença e da continuidade, permitindo à criança uma transição sensível da vida uterina para a vida comunitária. O uso da tipoia revela uma ética relacional que desafia paradigmas biomédicos centrados na fragmentação do cuidado.

Resgatar, documentar e valorizar essas práticas é fundamental para a construção de políticas públicas de saúde comprometidas com a diversidade étnico-cultural, os direitos reprodutivos e a justiça social. A enfermagem, pela sua atuação próxima e contínua nas redes de atenção à saúde, ocupa posição estratégica para incorporar práticas culturalmente sensíveis e fomentar o diálogo entre saberes ancestrais e técnicos. Em tempos de retração de direitos e apagamentos culturais, reconhecer a tipoia como tecnologia social indígena é também afirmar a potência de outros modos de viver, cuidar e resistir.

REFERÊNCIAS

1. Santos MLG, Zanello V, Antloga C. Maternidades indígenas nas publicações científicas: uma revisão narrativa referida ao dispositivo materno. Cad Pagu. 2024;(72):e247204. Disponível em: https://doi.org/10.1590/18094449202400720004
2. Karam RA, Oliveira HM. Cuidados à criança indígena: instrumento de avaliação para o profissional de enfermagem. Manaus, AM: Ed. das Autoras, 2023. 31 p.
3. Hunziker UA, Barr RG. Increased carrying reduces infant crying: a randomized controlled trial. Pediatrics. 1986;77(5):641–8. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3517799/
4. Pontes ALM, Machado FRS, Santos RV (orgs.). Políticas antes da política de saúde indígena. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2021. Disponível em: https://books.scielo.org/id/3hm55/pdf/pontes- 9786557081228.pdf
5. Morin E. Introdução ao pensamento complexo. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina; 2005.
6. Chavarria STS, Canchingre LAU, Muñoz VEM, Ortega IMA. Percepción del parto respetado en gestantes indígenas shuar y achuar del cantón taisha, año 20182019. Más

Vita. Rev. Cienc. Salud [Internet].2022;4(2):140-59. Disponível em: https://doi.org/10.47606/ACVEN/MV0129

7. Geertz C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
8. Peirano M. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 9–31, jul./dez. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S01047183201400020002
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.
10. Brasil. Fundação Nacional de Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. Brasília: Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde, 2002. 40 p.

11. Boer L, Sousa FGM de, Pina RMP, Poblete M, Haeffner LSB, Backes DS. Vivências de mulheres indígenas acerca do ciclo gravídico-puerperal. Rev Bras Enferm [Internet]. 2024;77:e20230410. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0410

12. Kaminski LS, Silva JP, Dias AKD, Markus GWS, Pereira RA. Práticas de mulheres indígenas mediante seu processo gestacional, pré-natal, parto e puerpério. RSD [Internet]. 2022;11(10):e541111032200. Disponível em: http://doi.org/10.33448/rsdv11i10.32200

13. Venegas VR, Hidalgo CD. Saberes ancestrales y prácticas tradicionales: embarazo, parto y puerperio en mujeres colla de la región de Atacama. Diálogo Andino [Internet]. 2020;(63):113-22. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-26812020000300113

14. Gonçalves CH. Crianças indígenas: um estudo sobre fatores de proteção e risco para o desenvolvimento. Santa Maria.Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Psicologia] – Centro Universitário Franciscano; 2008. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/CristianeHolzschuhGoncalves.pdf

15. Peña Redondo MI, Gutiérrez VFV. Comprendiendo el significado del puerperio para las indígenas embera katíos de Tierralta, Córdoba, 2018. Hacia Promoc. Salud [Internet]. 1º de julho de 2020 [citado 25º de março de 2025];25(2):94-108. Disponível em: https://doi.org/10.17151/hpsal.2020.25.2.11

16. Juárez-Ramírez C. Desafíos para la implementación de servicios obstétricos culturalmente competentes en un contexto indígena de México. Ciênc saúde coletiva [Internet]. 2024;29(12):e07332024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413812320242912.07332024